



Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental

Revista do PPGEA/FURG-RS

ISSN 1517-1256

Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental

EDUCAÇÃO AMBIENTAL VERSUS NATUREZA HUMANA

Do Homo sapiens ao Homo sapiens

Roque Strieder¹

RESUMO: Uma reflexão bibliográfica como contribuição/convite para criar uma mudança de mentalidade sobre a natureza humana como uma das condições para a construção e a vivência do cuidado ambiental. Uma vivência possível se a decisão estiver comprometida com a sensibilidade do cuidado estendida para todas as formas vivas. A problemática motivadora: que experiências formativas contribuem para criar desejos em direção à superação de entraves teóricos, filosóficos e teológicos, que ainda abastecem a ganância utilitarista e dominante nas relações humanas para com a natureza? Como objetivo: verificar as possibilidades de oferecer experiências formativas que permitam a criação de desejos de cuidado e colaboração, no universo das relações humanas para com a natureza. Os resultados indicam que cuidar da natureza mostra-se mais difícil do que parece e pregar a preservação é mais importante do que praticar. Nosso imaginário deseja as benesses da tecnociência realimentando o antropocentrismo, enquanto continuamos com dificuldades para vivenciar a interdependência. Concluímos que as parcerias do racionalismo tecnocientífico com a economia e a lógica consumista, obstrui a sensibilidade do cuidado. Que a possibilidade da educação ambiental passa pela oportunidade de vivenciar imaginários não centrados no ser humano, mas que o incluam, restaurando a face da sensibilidade solidária para com a natureza e a vida nas suas mais diversas formas e manifestações.

Palavras Chave: Educação ambiental; Experiências formativas; Cuidado e ética.

ABSTRACT: A bibliographic reflection as a contribution/invitation to create a change in mindset about human nature as a condition for the construction and experience of environmental care. A possible experience if the decision is committed to the sensitivity of the care extended to all living forms. The motivating problem: what formative experiences contribute to create desires in relation to the overcoming of theoretical, philosophical and theological barriers that still supply the utilitarian and domineering greed in human relations towards nature? Objective: verify the possibilities of providing formative experiences that enable the creation of desire of caring and collaboration in the universe of human relations towards nature. The results indicate that caring for nature proves more difficult than it looks and preach preservation is more important than practice. Our imagination wants the benefits of technoscience feeding the anthropocentrism, as we continue to experience difficulties to experience the interdependence. We conclude that the technoscientific rationality partnerships with economy and consumerist logic block sensitivity of care. That the possibility of environmental education is the opportunity to experience imaginations not centered on human, but which include him, restoring the face of the solidarity sensitivity towards nature and life in its various forms and manifestations.

Key words: Environmental education; Formative experiences; Care and ethics.

¹ Doutor em educação e docente do programa de mestrado em educação da Universidade do Oeste de Santa Catarina - Unoesc. End: Av. Cerro Largo, 186 – Centro Tunápolis/SC/Brasil. CEP 89898-000. E-mail: roque.strieder@unoesc.edu.br.

Nada é mais importante no estudo do homem do que as suas relações com a água: com a água do mar, com a água dos rios, com a água condensada das nuvens, com a água de chuva e de degelo, com a água subterrânea, com a água que corre na seiva das plantas ou que circula nas artérias e nas veias dos animais. Por conseguinte o próprio sangue e a própria vida dos homens (Gilberto Freyre, In: "Nordeste", 1937)

Considerações Iniciais

A reflexão é uma introdução sumamente compacta diante das transformações educativas e das reconfigurações do conhecimento ensejadas pela ciência, pelo consumismo e pela lógica pragmatista. A espécie humana alcançou uma fase evolutiva inédita na qual os aspectos cognitivo e relacional, da convivialidade humana, se metamorfoseiam com rapidez nunca antes experimentada. Junto às enormes oportunidades de incremento da sociabilidade humana, surgem também novos riscos de discriminação, de desumanização e de destruição ambiental. É importante ressaltar que existe um enorme leque de outros temas importantes relacionados à educação ambiental. Porém, como não são salutareos os profetas de sonhos exagerados, desejo destacar a relevância, dentro da temática, dos compromissos da humanidade como um todo e da responsabilidade de cada um de nós. Educação ambiental exige despir-se do peso imaginário de tarefa impossível, sem desmerecer a perspicácia crítica diante de suas várias entradas.

Viver em harmonia com a natureza se mostra mais difícil do que parece. Da mesma forma como aconselhamos a ética, bem mais do que a praticamos, preservação ambiental é algo que preferimos pregar a praticar. A problemática a ser explorada, na reflexão, tem como base: que experiências formativas contribuem para criar desejos em direção à superação de entraves teóricos, filosóficos e teológicos, que ainda abastecem a ganância utilitarista e dominadora nas relações humanas para com a natureza? Como objetivo verificar as possibilidades de vivenciar experiências de formação que permitam a criação de desejos de cuidado e de colaboração no universo das relações humanas para com o meio ambiente.

Já não é novidade que a civilização humana está em crise. Aonde chegou, o bem-estar material não necessariamente trouxe o bem-estar mental. Prova disso são os consumos desenfreados de drogas, ansiolíticos, antidepressivos e remédios para dormir. O desenvolvimento econômico não trouxe o desenvolvimento moral.

Nesse momento importa entender que o conhecimento que gera ciência e tecnologia e que nos faz crer podermos conseguir tudo o que desejamos, também precisa perceber que as consequências desse desejar tudo está gerando mais dor e sofrimento do que desejamos ou podemos aceitar. Dito de outra forma: em todos os lugares aonde os bens materiais chegaram

a uma parte da população, eles não trouxeram um verdadeiro bem-estar psicológico e ético e persiste um mal-estar entre aqueles que conhecem o bem-estar.

A lógica capitalista e tecnocientífica segundo a qual "o mais forte leva tudo" precisa ser substituída por regras que garantam aos mais pobres um lugar e uma parte dos recursos naturais para uma vida digna. A paz mundial e relacional está intrinsecamente vinculada à pobreza, e a pobreza é uma ameaça à paz. E não podemos lidar com o problema da pobreza no âmbito da ortodoxia do capitalismo pregado e praticado atualmente.

Nosso pequeno roteiro de reflexões inicia com o mito de Prometeu e Epimeteu passa pela demonização do feminino e então da mãe natureza. A difícil saída do privilégio antropocentrismo e os desafios e desencontros da tecnociência diante do desejo/necessidade de cuidar do entorno ambiente. Por último uma reflexão sinalizando para o sonho da criação de imaginários de colaboração como experiência formativa para criar desejos de cuidado para consigo, para com o outro e para com a natureza.

Mitos: conhecimento e maldições

O mito do pecado, relatado na Bíblia, anuncia a árvore contendo a verdade cujo acesso estava proibido. Ainda assim burlou-se a proibição, porém o alcance dessa verdade não possibilitou liberdade à humanidade.

Hipótese semelhante à bíblica encontra-se na mitologia grega no relato das ações dos irmãos Prometeu e Epimeteu. Prometeu significa na acepção do termo, "pré-pensador – *pro-metein*" e pode ser interpretado como aquele que pensa antes de agir. Epimeteu é o "pós-pensador – *epi-metein*", ou aquele que age antes de pensar. Prometeu calcula, delibera, busca prever para domar o futuro. Epimeteu age por impulso, desfruta, busca tirar do momento tudo o que ele pode oferecer de melhor. Prometeu e Epimeteu são primos de Zeus e representam pólos extremos e simétricos da relação entre o pensar e o agir, conforme afirma Giannetti (1998).

Durante a criação dos animais e do ser humano, coube a Epimeteu, sob a supervisão de Prometeu, a tarefa de providenciar os meios necessários para a sobrevivência e o crescimento de cada uma das espécies. Epimeteu distribuiu as diversas qualidades aos vários animais: coragem, força, velocidade, sagacidade; asas a uns, garras a alguns, uma cobertura de concha a outros, e assim por diante. Quando chegou ao ser humano, Epimeteu, que fora liberal na distribuição das várias qualidades, nada mais tinha para conceder. Prometeu percebeu a gravidade da situação e com a ajuda da deusa Minerva, subiu ao céu, acendeu sua tocha no carro do sol e trouxe o fogo a terra para servir ao ser humano.

O fogo permitiu que o ser humano fabricasse armas, para submeter os outros animais; permitiu criar ferramentas, para cultivar a terra; aquecer a sua moradia, ficando de certo modo independente do clima; também permitiu que ele promovesse as artes e cunhasse moedas, com as quais pôde comerciar (BULFINCH, 1962). Prometeu decidiu ajudar os mortais – humanos -, trocou de lado e se aliou a eles na luta contra a opressão e a avareza dos deuses (GIANNETTI, 1998).

Prometeu, símbolo da inteligência humana, desvenda mistérios divinos. O mito de Prometeu representa uma humanidade ativa, industriosa, inteligente e ambiciosa, que deseja igualar-se às potências divinas. Seu crime consiste justamente em haver tentado criar uma raça que superasse os deuses olímpicos; para tanto, ensinou às suas criaturas o trabalho de dominar a natureza e conhecer cada vez mais a si mesma.

Ao ensinar o fogo aos humanos, Prometeu liberta-os definitivamente da dependência divina. Sem o fogo, não seria possível transformar o mundo ambiente, nem adaptá-lo às necessidades físicas de cada povo, em cada região. Ao redor do fogo, reuniam-se os humanos primitivos, fazendo desse elemento, importante fator de sociabilidade. Como fator de sociabilidade, o fogo não é apenas instrumento de transformação de substâncias, de cozimento de alimentos, de criações artesanais. Ele representa ainda a espiritualização (luz) e a sublimação (calor). Mas é também agente da destruição. Maravilhados com suas próprias invenções, os humanos imaginam-se iguais aos deuses e já não se sacrificam aos imortais. Degradam-se e disputam sangrentamente bens materiais. O fogo passa a atuar como fator destrutivo (LARANJEIRAS, s/d).

Zeus ficou irado com a troca de posição e ousadia de Prometeu jurando cruel vingança e punição exemplar. Preso ao rochedo, diariamente uma águia vinha alimentar-se de seu fígado. À noite, o fígado se regenerava para novamente servir de alimento para a águia durante o dia seguinte. É o preço que Prometeu paga, por haver tentado transformar o mundo. Seus grilhões são os entraves impostos a toda criação: mudar corresponde a sofrer (NAVARRO, 1976).

O dilema, transformar e sofrer, continua presente na atualidade. Mas, é necessário, para viver bem, mudar o mundo? Ou, ao contrário, a vida boa pode ser viabilizada não pela mudança do mundo, mas sim visualizá-lo adequadamente? O impasse criado fez pensadores tomarem posições distintas. Platão propôs aos gregos: a tarefa mais nobre da vida é a contemplação e não o universo das ações. Já o filósofo alemão Hegel (1978) afirmou: a humanidade somente se sentirá bem quando viver num mundo construído por ela mesma.

A demonização do feminino e a exploração da natureza

O grande jogo dos acessos ao conhecimento sinomiza com uma persistente demonização do feminino na cultura ocidental. A mulher aí se configura como a fonte de todos os males e este é um dos aspectos sinistros da moral judaico-cristã, como também de outras cosmologias.

Eva comeu o fruto da árvore proibida – uma maçã. Mas porque maçã? Conforme esclarece Assmann (2004), na versão original do relato bíblico, não consta a palavra maçã. Ela foi introduzida posteriormente, com base no latim, a partir do substantivo *malum* – o mal – e a sua forma acusativa *malus* que corresponde a *malum* e, *mali* maçã. Muito antes de o fruto proibido ser uma maçã ele simbolizava o acesso à “árvore do conhecimento do bem e do mal”, algo somente permitido a Deus. Também é importante salientar a falsidade da ligação, porque não presente na versão bíblica original do livro do Gênesis², da serpente como figurativa do demônio. A serpente é símbolo de conhecimento – uma conotação com o misterioso, ou seja, conhecimento ainda não acessível - em muitas culturas. Em culturas indígenas a cobra sucuri, por exemplo, era consultada referente a saberes ocultos. Maçã, serpente, culpabilização da mulher, são versões patriarcais, estigmatizando o feminino como responsável por todos os males e misérias da humanidade, inclusive pela expulsão do Jardim do Éden. Quando a mulher acessa ao fruto proibido – conhece o bem e o mal -, Deus fica furioso e condena os seres humanos ao sofrimento (PAGELS, 1992).

Uma vez adquirido o conhecimento, o humano sofre. O trabalho o escraviza. Em decorrência, uma variável para que o homem escravize a mulher. A relação homem-mulher-natureza não é mais de integração e, sim, de dominação. O desejo dominante agora é o do homem. O desejo da mulher será para sempre carência, e é esta paixão que será o seu castigo. Daí em diante, ela será definida pela sexualidade e o homem pelo trabalho (PAGELS, 1992).

No mito grego de Pandora (Pandora - a presenteada por todos; *pan* = tudo; *dóron* dons = toda dons) é a responsável pelos males do mundo por ter aberto o vaso onde Zeus havia encerrado as misérias e os males (ASSMANN, 2004). A culpabilização da mulher, por todos os males da humanidade, é uma evidente versão patriarcal. Zeus, irado pela mudança de lado de Prometeu, criou a mulher e esta libertou os males que até então estavam guardados. Segundo a versão original do mito de Pandora, a mulher é fruto da vingança divina, um presente recusado por Prometeu, mas aceito por seu irmão Epimeteu, para enganar.

2 Recomenda-se o livro: PAGELS, Elaine. Adão, Eva e a Serpente. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

Efetivamente o mito de Pandora demoniza a imagem da mulher (ASSMANN, 2004). No livro “Os Trabalhos e os dias”, Hesíodo (1991) faz referência ao mito de Pandora e, nos versos 46 a 105 descreve o presente – a mulher - como “grande praga para ti e para os homens [...] em lugar do fogo eu darei o mal”; “presente enganoso”. Também na Teogonia, Hesíodo (1992) descreve a origem dos deuses e, as referências são funestas: “ardil para os homens”; “a funesta geração das mulheres”; “aflição sem fim, mal incurável”. Destaca-se que em todas as versões do mito de Pandora ela, a mulher, é puro silêncio, pois em momento algum lhe é atribuída uma única palavra. É o silenciamento total da mulher (ASSMANN, 2004).

É admissível que se leiam os mitos da criação como a vitória de um deus masculino e ordenador que derrota e elimina o princípio feminino, princípio do caos e da desordem. A exemplo do mito bíblico da criação e do mito de Pandora, também na cosmogonia egípcia, o abismo informe – *Nut* - que é feminino, é suplantado pelo deus masculino *Ra* – o sol. De forma similar na cosmogonia babilônica, o caos feminino – *Tiamat* – precisa ceder o domínio a *Marduck* (COHN, 1996).

Para Capra (1997, p. 37/38) a tradição judaico-cristã, criou um deus masculino. Ele fala dessa estreita relação de violência e exploração da mulher e da natureza.

A exploração da natureza tem andado de mãos dadas com a das mulheres, que têm sido identificadas com a natureza ao longo dos tempos. Desde as remotas épocas, a natureza – e especialmente a terra – tem sido vistas como uma nutriente e benévola mãe, mas também como uma fêmea selvagem e incontrolável [...] Sob o patriarcado, a imagem benigna da natureza converteu-se numa imagem de passividade, ao passo que a visão da natureza como selvagem e perigosa deu origem à idéia de que ela tinha de ser dominada pelo homem. Ao mesmo tempo as mulheres foram retratadas como passivas e subservientes ao homem. Com o surgimento da ciência newtoniana [...] a natureza tornou-se um sistema mecânico que podia ser manipulado e explorado, o que coincidiu com a manipulação e a exploração das mulheres.

A demonização da natureza que precisa ser escravizada e forçada a revelar os seus segredos anda de mãos com a também exploração do feminino. E, segundo Heisenberg “Ao mesmo tempo a atitude dos homens sobre a natureza mudou: de contemplativa, ela se tornou prática. Nós não nos interessamos mais pela natureza tal como ela é, nós nos perguntamos mais frequentemente o que podemos fazer dela. A ciência da natureza se tornou, uma ciência técnica” (Apud MOSCOVICI, 2007, p. 91).

De outro lado o imaginário criado na lógica moderna e capitalista é de que a força bruta da natureza precisa ser domada pela inteligência e a astúcia. Criamos, no decorrer do processo evolutivo, a partir da dominação do fogo e, diante de nossa fragilidade física, um ser artificial como armadilha à natureza para capturar sua energia e realizar a exploração. Isso fica evidenciado na palavra máquina, de *Mekané*, cujo significado é astúcia, engano, artifício,

tornados fundamentos da tecnociência.

Ciência, conhecimento e tecnologia

A ciência amplia o poder dos humanos, mas ao mesmo tempo trás para a superfície imperfeições humanas. Se de um lado prolonga nossas vidas e possibilita mais conforto, de outro lado aumenta nosso poder de destruição, entre os membros de nossa própria espécie, como também ao planeta Terra. Ciência e progresso tornaram-se sinônimos e são admitidos como sendo concomitantes. Da mesma forma, a idéia de dominação da natureza, tornou-se sinônimo de progresso e desenvolvimento. Em paralelo à nossa capacidade inventiva, caminha a predação e a destruição. A ciência prometeu e promete milagres na transformação da natureza. O ser humano se atribuiu a autorização para dominar a natureza por que capaz de conhecer objetivamente os seus mistérios por meio do método científico. Para penetrar nesses mistérios a natureza foi dessacralizada e transformada em objeto. Para Heisenberg “Pela primeira vez no curso da história, o homem contemporâneo sobre essa terra se confronta sozinho consigo mesmo e não tem mais companheiro ou adversário” (Apud MOSCOVICI, 2007, p. 55).

A espécie humana evoluiu imersa em natureza e em instrumentos técnicos. Atualmente, as máquinas e programas digitais invadiram e ocupam nosso cotidiano, plasmam nossas percepções e, praticamente, adestram nossos sentidos que, quase espontaneamente, “confiam” neles. Sloterdijk³ lembra que sem instrumentos técnicos não teríamos evoluído: “Se ‘existe’ o homem é porque uma tecnologia o fez evoluir a partir do pré-humano. Ela é a verdadeira produtora de seres humanos, ela é o plano sobre o qual são possíveis”. Dominique de Bourg (1999, p. 11) defende como tese básica que:

A humanidade construiu-se fora de si mesma, na base de um edifício exosomático, artificial e objetivo, isto é, pela constituição de uma rede de artefactos, tanto lingüísticos como utilitários. A técnica, por um lado, a linguagem e a sabedoria, por outro, são ambas construções exteriores ao nosso corpo. Esta tese, a do homem artifício exclui todo o gênero de oposição entre a técnica, por um lado, e a humanidade falante e sabedora, por outro. É incompatível com a afirmação de uma autonomia da técnica em relação ao homem e também não nos deixa fechar na alternativa estéril entre a tecnofilia e a tecnofobia.

Com essa profunda e intensa presença da tecnologia, dificilmente a humanidade, ou algum governo soberano ou não, poderá exercer um poder absoluto sobre a mesma. As novas tecnologias de destruição em massa estão à disposição de muitos. O conhecimento necessário

³ Peter Sloterdijk. *El hombre operable*. Si 'hay' hombre es porque una tecnología lo ha hecho evolucionar a partir de lo pre-humano. Ella es la verdadera productora de seres humanos, o el plano sobre el cual puede haberlos. (disponível em <http://www.observacionesfilosoficas.net/download/hombreoperable.pdf>. Acesso em novembro de 2010).

e incorporado é de fácil acesso. Nessa direção a reflexão de Bill Joy (2000, s/p) um dos entusiastas das novas tecnologias é elucidativa:

[...] as tecnologias do século XXI – genéticas, nanotecnologias e robótica – são tão poderosas que podem engendrar tipos inteiramente novos de acidentes e mau uso. Mais perigosamente ainda, e pela primeira vez, esses acidentes e abusos estão amplamente ao alcance de indivíduos ou pequenos grupos. Não requererão grandes instalações nem matérias-primas raras. Bastará conhecimento para possibilitar seu uso. Assim, temos a possibilidade não apenas de armas de destruição em massa, mas de destruição em massa viabilizada pelo conhecimento, sendo sua destrutividade enormemente ampliada pelo poder de auto-replicação.

Assim mesmo, e apesar de juramentos por parte de alguns governos, de que o uso da engenharia genética será exclusivamente benéfico, será difícil impedir que governos instáveis ou grupos de pessoas adquiram a capacidade nuclear e ou a capacidade de fabricação de armas biológicas. O questionamento que fica é forte e não visualiza solução simplista: como evitar que as forças de grupos humanos, sobre os quais nenhum governo exerce controle, tenham armas biológicas? A configuração que se nos apresenta é, como diz Joy, que no século XXI o poder conferido à humanidade, pelas novas tecnologias, será usado para cometer crimes horríveis contra a mesma humanidade.

O pavor vivenciado pela humanidade, durante e após a Segunda Guerra Mundial, diante do poder de destruição da bomba atômica fez a humanidade perceber-se capaz de destruir a si própria e a seu mundo. Diante desse poder de destruição, diante da ingovernabilidade da tecnologia, questionemos: que mecanismos políticos são necessários para afastar essa destruição? Como esses mecanismos podem ser criados e tornados eficazes? Por outro lado, como mobilizar potências e estratégias éticas capazes de moldar essas formas políticas para que sejam capazes de lhes conferir efetividade?

A tecnologia, não somente entrou em nossa vida, mas transformou nossa vida de uma forma tal que temos dificuldade para entender o significado. Gray (2009) citando Illich relata que os automóveis, certamente facilitaram a nossa locomoção. Porém, atualmente, talvez os maiores motivos de sua aquisição e uso já não sejam deslocamento, mas conferir *status* e materializar desejos. Para Illich (Apud GRAY, 2009, p. 31) “o americano médio leva 1.600 horas para fazer 12 mil km: menos de sete km e meio por hora, não muito mais do que poderia cobrir com os próprios pés”. Illich então se questiona: “O que é mais importante hoje: o uso dos carros como meios de transporte ou o seu uso como expressões de nossos anseios inconscientes por liberdade pessoal, expressão sexual e pela liberação final através de uma morte súbita?”.

Acompanhando as reflexões de Gray (2009) também sabemos que o progresso ético

não se equipara a velocidade do conhecimento científico. O avanço tecnológico nos deixa um grande problema por resolver: a fraqueza ética da natureza humana. Grandes contingentes humanos não orientam suas condutas tendo como referência preceitos éticos, mas o interesse próprio e a satisfação das necessidades do momento. E, mesmo que seja difícil admitir, a ciência e sua produção tecnológica servem às nossas necessidades, seja no momento da aquisição de um aparelho eletrônico ou na aquisição de um medicamento. Eles nos dão a sensação e a segurança de progresso, o que uma vida ética e uma vida politicamente boa não, necessariamente, proporcionam.

O sonho de Wilson (1999), talvez não consiga ser alcançado pela espécie humana enquanto efetivação. Wilson (1999, p. 264) não somente aposta no controle da evolução, mas a considera inevitável.

Graças aos avanços atuais na genética e biologia molecular, a mudança hereditária logo dependerá menos da seleção natural do que da escolha social. Na posse do conhecimento exato dos próprios genes, a humanidade coletiva em algumas décadas poderá, caso deseje, selecionar uma nova direção em sua evolução e tomá-la com rapidez [...] A perspectiva dessa “evolução volitiva” - uma espécie decidindo o que fazer com a própria hereditariedade - apresentará as mais profundas opções intelectuais e éticas com que a humanidade já se defrontou [...] a humanidade estará na posição como que divina de assumir o controle do próprio destino final. Poderá, se escolher, alterar não apenas a anatomia e inteligência da espécie, mas também as emoções e impulso criador que compõe a própria essência da natureza humana.

Com base em Darwin aprendemos que as espécies nada mais são do que aglomerados de genes que interagem aleatoriamente, então a humanidade jamais poderia ter em suas mãos o seu próprio destino. As cuidadosas observações de Gray (2009, p. 22), diante do desejo da humanidade de, conscientemente, traçar o seu futuro, são ressalvas merecedoras de crédito.

Parece factível que ao longo do próximo século, a natureza humana seja cientificamente remodelada. Se assim for, será feito ao acaso, com o resultado final de lutas travadas no terreno sombrio onde os grandes negócios, o crime organizado e as faces ocultas do governo competem pelo controle. Se a espécie humana passar por uma reengenharia, não há de ser porque a humanidade, atuando como um deus, terá assumido o controle de seu destino.

Lovelock, afirma que a espécie humana se comporta como um organismo patogênico, como as células de um tumor maligno. Para Lovelock (Apud GRAY, 2009, p. 22/23)

Os humanos na Terra comportam-se, de alguma maneira como um organismo patogênico ou como as células de um tumor ou neoplasma. Crescemos em número e em transtornos para Gaia a ponto de nossa presença ser perceptivelmente inquietante [...] a espécie humana é agora tão numerosa que constitui uma séria moléstia planetária. Gaia está sofrendo de *Primateia Disseminada*, uma praga de gente.

O cardeal Joseph Ratzinger, atualmente papa Bento XVI, participou de um inusitado debate que reuniu, de um lado, um dos pensadores mais influentes da atualidade e, de outro,

um teólogo - Ratzinger. O encontro entre o filósofo Jürgen Habermas e Ratzinger ocorreu na Academia Católica da Baviera, em Munique, no dia 19/01/2004. O tema do debate: "as bases pré-políticas e morais do Estado democrático". Na oportunidade Ratzinger afirmou:

Parece-me evidente que **a ciência como tal não pode gerar etos**, que, portanto, **uma consciência ética renovada não pode surgir como produto de debates científicos**. Por outro lado, é certamente também indiscutível que a alteração fundamental da imagem humana e mundial, a qual se deu a partir da evolução dos conhecimentos científicos, está essencialmente ocupada com a ruptura de velhas certezas morais. (Grifos meus).

É relevante também a importante reflexão feita por Jacques Monod (2002, p. 114):

As sociedades modernas aceitaram as riquezas e os poderes que a Ciência lhes oferecia. Mas não aceitaram ou vagamente se aperceberam da mensagem mais profunda da ciência: a definição de uma nova e única fonte de verdade, a exigência de uma revisão total dos fundamentos da ética, de uma ruptura radical com a tradição animista, o abandono definitivo da “antiga aliança” e a necessidade de criar uma outra. Armadas de todos os poderes, usufruindo de todas as riquezas que devem à Ciência as nossas sociedades tentam, ainda, viver e ensinar sistemas de valores, roídos já, na raiz, pela própria ciência.

A visão de progresso ilimitado capaz de permitir um desenvolvimento prodigioso, sonhado no século XIX, abre-se diante de nós como ameaçador, não somente por possibilitar exaurir o planeta, mas também pelo desencontro ético.

Problemática antropocêntrica

Charles Darwin, em suas pesquisas sobre evolução mostrou que somos animais. Ao mostrá-lo afirmava que as espécies nada mais são do que aglomerados de genes que interagem aleatoriamente uns com os outros e com o ambiente natural, em constante mutação. A gravidade da afirmação de Darwin é que ela depõe contra a concepção de que somos uma espécie escolhida e superior. Ela é uma afronta à condição antropocêntrica e nos coloca na similaridade de outras espécies o que implica em admitir que não somos os definidores de nosso futuro ou de nosso destino. Reichholf (1995, p. 34) afirma que “é preciso realmente ter-se consciência de que nenhuma espécie de seres vivos, no sentido usual do termo, teve um princípio. Proveio sempre de outras já existentes, aperfeiçoou as existentes e nunca perdeu a ligação com os seus precursores”. Para os humanistas, o que nos distingue dos animais é a possibilidade de escolha, ou seja, o livre arbítrio. Para eles somos animais humanos que têm a capacidade de escolher o modo como desejamos viver.

Um dos baluartes do antropocentrismo, e também do poder de mando sobre os demais seres vivos, é buscado nas versões bíblicas. Em Gênesis (1: 28) lemos “enchei a terra, e sujeitai-a, e dominai sobre os peixes do mar e sobre as aves do céu, e sobre todos os animais que se movem sobre a terra”. Em Salmos (8: 6 e 7), lemos “Tu o fizeste pouco inferior aos

anjos. De glória e de honra o coroaste, e lhe deste o mando sobre as obras das tuas mãos”. De forma similar, encontra suporte a presunção de ser o único ser em condições de reclamar que foi criado “à imagem de Deus”, “Façamos o homem à nossa imagem e semelhança” (GÊNESIS, 1: 26/27).

Na cultura ocidental, o antropocentrismo tem caráter destruidor na relação com a natureza. A longa trajetória patriarcal e antropocêntrica possibilitou a subordinação da natureza ao ser humano, uma relação exauridora e violentadora.

A tecnociência, agora produtora de conhecimentos, registra sua autoridade pelo poder conferido aos seres humanos de inter-ferir no meio ambiente natural e interferir sobre si próprio. A tecnociência permite a coragem de acreditar que, sendo diferentes de outros animais, podemos entender o universo natural e, ao fazê-lo submetê-lo à nossa vontade. Se, antes da ciência e da tecnologia, a fé movia montanhas agora é a Ciência, feita tecnologia que, com suas máquinas remove efetivamente e, não imaginariamente, montanhas e rios, draga os pântanos, irriga as terras ressequidas, interfere na natureza da matéria através da nanotecnologia, da bio-engenharia e da transgenia.

É a concepção antropocêntrica, alimentando nossa superioridade em relação aos outros seres vivos. Atribuímos-nos o direito de ocupar o lugar dos deuses e, com nossas máquinas promovemos os milagres da transformação da natureza. Nas palavras de Assmann (2004, p. 55), uma sátira ao homem antropocêntrico, androcêntrico e guerreiro:

Somos guerreiros vencedores caçamos à vontade, matamos e devoramos o que havia à mão, depois começamos a plantar e deu certo, domesticamos e criamos animais e deu certo, fizemos guerras e criamos reinos, e sempre deu certo – até certo ponto – para os machos que sabiam ser mandões. Então, por que não falar abertamente? Onde houver paraíso, nós o conquistaremos. E vai ser uma brincadeira para a raça de heróis que somos.

A espécie humana se relaciona com a natureza por meio de relações sociais e de poder e não enquanto espécie biológica. Muitos estão fora do banquete proporcionado por esse poder, porque dele estão alijados.

Monod (2002) afirma que a espécie humana não é diferente de nenhuma outra quanto a ser uma jogada de sorte na loteria cósmica. Para ele a existência do ser humano é inteiramente acidental, não reconhecer essa condição é persistir na tradicional concepção antropocêntrica que nos julga superiores e com direitos sobre as demais. É importante e necessário, e oxalá desejável, que o ser humano

[...] desperte, enfim, do seu sonho milenário, para descobrir a sua total solidão, a sua estranheza radical. Sabe, hoje, que, como um cigano, ele está à margem do universo onde deve viver. Universo surdo à sua música, indiferente às suas esperanças, como

aos seus sofrimentos ou aos seus crimes (MONOD, 2002, p. 115).

É preciso reconhecer que o desenvolvimento da tecnociência têm dado respostas favoráveis para muitas das nossas necessidades. Por outro lado, devemos reconhecer que a mesma também revelou um mundo cada vez mais incognoscível, um mundo que os seres humanos não podem controlar e nem entender definitivamente.

Os problemas ecológicos, se postos como exigência de uma cultura em prol da vida, requerem olhares profundos na direção da série de “furos” presentes em nossas concepções e cosmovisões. Mas, devemos questionar, para não cair na ingenuidade de apostar idilicamente em uma natureza humana solidária para com a natureza: é possível intensificar essa consciência ecológica, ainda incipiente, ou requer-se uma base fundacional nova de idéias e sentimentos para conceber sadiamente a vida, uma visão diferente no tocante à própria auto-imagem? E, é possível uma reflexão desvinculada dos pré-supostos antropocêntricos?

Em “Pertencendo ao universo” Capra (1994) reflete sobre os desejos de virada e das dificuldades para admitir a nossa condição de dependência e pertença – interdependência - da natureza como um dos requisitos básicos para viabilizar uma educação ambiental. Também as palavras de Restrepo, ao falar de Ecoternura, podem trazer alento na criação de uma visão, para além da antropocêntrica:

A crise ecológica marca, no interior da cultura ocidental, o esgotamento dos modelos de guerra. Sermos ternos é entender que não somos o centro hierárquico do ecossistema, pois, ao depender biológica e afetivamente, nos descentramos, admitindo que o eixo ordenador passa por seres ao mesmo tempo diferentes e distantes de nós. Aceder à racionalidade ecológica e à causalidade retroativa é permitir a emergência de um sentimento de fratura em nossa imagem de reis da criação, pois, nos ecossistemas não há centro, nem chefe, nem quem ordene ou obedeça. O ecossistema é pluricêntrico e reconstrói a cada instante, a partir de cada um de seus centros, toda a atividade da cadeia vivente, sempre aberto a múltiplos contatos, a variadas zonas de incerteza e indeterminação. É na captação sensível desta variedade que está a sabedoria do ser vivente para articular-se às cadeias biológicas que lhe asseguram sua nutrição e crescimento (1998, p. 84/85).

Sentir-se parte da natureza e tratar humanamente o ser humano e os recursos naturais é sentir-se fazendo parte de uma comunidade humana que tem um destino comum, seja qual for a localização e a origem de seus integrantes. A comunidade humana pode compartilhar uma identidade comum, pois, apesar das diferenças individuais e culturais, somos todos, fundamentalmente, habitantes e interdependentes de uma Terra-pátria comum.

Colaboração um pré-suposto para o cuidado

Apesar da afirmação de Dawkins (2001), de que nossas mentes são formadas por genes egoístas, elas acumularam perspectivas sociais de confiança e de colaboração. O ser humano se construiu como tal porque aprendeu a cooperar. Ele aprendeu a distinguir o

fidedigno e o traiçoeiro. Dentre todas as espécies existentes somos a única que acumula esse privilégio. Devemos a organização e integração social aos nossos instintos sociais. A mente e nossa rede neural evoluíram como um órgão social (RESTREPO, 1998), tal qual a sociedade evoluiu pela cooperação. A tendência da cooperação entre os membros da nossa espécie é uma marca qualitativa e de legitimidade do ser humano. É essa tendência uma das mais importantes variáveis que nos distingue de outras espécies animais. Essa aposta filosófica sobre a “perfectibilidade humana” encontrou em Rousseau um de seus mais ardentes defensores. Rousseau (1978) defendeu em seu “*Discurso sobre a origem da desigualdade entre os homens*”, que o ser humano é uma criatura basicamente virtuosa que passa a ser corrompida dentro do processo civilizador.

Isso não significa ignorar nossa tendência de *Homo demens* ou de *Homo sapiens*. Em paralelo com nossos instintos de cooperação se encontram os instintos sinistros. Mas, ao abandonarmos o espírito da colaboração nos fragilizamos e nos agredimos. Como defensor dessa concepção temos Hobbes (1979) para quem, basicamente, o ser humano nasce mau e se comporta como tal se não for domesticado. A tendência de fragmentar a nossa espécie em grupos rivais com forte propensão a nos tornarmos preconceituosos nos conduziu à saga dos genocídios. A sociedade continua dilacerada por guerras, por violência, roubos, discórdias, desconfianças e por desigualdades. Sempre estamos prontos para apontar uma lista de culpados por essa derrisão. Dentre outros, atribuímos a culpa à natureza, à educação, ao governo, à ganância e até aos deuses.

Mas, no sonho de experiências formativas, é relevante reconhecer que os seres humanos somos possuidores de instintos que fomentam o bem-comum e outros que favorecem comportamentos e atitudes egoístas e antissociais. Nosso desafio é realizar experiências formativas que estimulem os primeiros e desencoraje os outros.

A vivência social e a capacidade colaborativa estão na forma em como imaginamos, está em nossa mente, em nosso ser humano. É lá que se encontra a capacidade e a potencialidade para criar uma sociedade melhor que a atual. Não estamos falando de uma sociedade plena, harmônica e coroada de virtudes. Se, efetivamente, desejamos contribuir então o desafio para a formação é possibilitar experiências capazes de mobilizar as pessoas para que construam organizações cuja fonte emuladora permita espaço e livre curso a essas mentalizações. Para que isso seja possível é necessário um princípio fundamental: reconhecer nossa condição de iguais na diversidade e, interdependentes para com a natureza. Hierarquizar ou verticalizar, pessoas ou instituições, não possibilita o diálogo. Permitir-se olhar para iguais

torna possível o diálogo. O diálogo somente pode existir quando se leva o outro a sério reconhecendo a sua identidade e acreditando em sua capacidade de contribuição. A troca entre iguais é a receita para a cooperação e, por outro lado é a matéria-prima da confiança. E, acreditemos, a confiança é um alicerce do cuidado.

Diante do inconcluível

Porque destruímos o meio ambiente? Uma das respostas talvez esteja na dificuldade que temos de cooperar em prol do bem comum e fugir da tentação de obter lucro à custa do outro. Afirma Walter (2006, s/p):

Nunca se devastou tanto o planeta como no período em que mais se falou em salvá-lo! Os ambientalistas, que viram sua problemática atingir o auge de reconhecimento na Rio-92 [...] se vêem diante desse fato incontestável e vivem o dilema de se afirmarem quanto mais o planeta é devastado! Poder-se-ia dizer que a devastação teria sido maior não fossem os ambientalistas, mas não podemos fugir às nossas responsabilidades diante do fato concreto de que a devastação nesses últimos 30/40 anos atingiu níveis jamais vistos.

Apesar dos inúmeros apelos às mudanças na natureza humana ou nos valores humanos e na instauração de um novo conjunto de valores para nossas vidas, visando superar o egoísmo, não temos uma tarefa fácil. A ganância não foi inventada e não é fruto do capitalismo ou da tecnologia. A destruição ambiental não é resultado único do capitalismo globalizado, da industrialização, da civilização ocidental ou resultado da falha de instituições humanas. Para Gray (2009, p. 23). “é a consequência do sucesso evolucionário de um primata excepcionalmente rapace - *Homo sapiens*”. A ética ambiental não será fruto de um impulso natural. Ela deve ser construída em sentido inverso ao dessa natureza humana. É necessário conceber e ter a coragem de fazer da natureza uma simbiose de afetação, de co-sofrer e co-alegrar-se, inteiramente solidário.

A teoria Gaia, desenvolvida por Lovelock (1991), tem como propósito trazer à tona os profundos vínculos entre o ser humano e o restante da natureza. Essa precisa ser uma das grandes frentes das experiências formativas, semear imaginários de interdependência.

No foco dessas experiências formativas precisa vigorar também o quão é fundamental reestruturar as bases da economia global. Significa também empreender profundas alterações em nosso comportamento reprodutivo bem como de dramáticas mudanças na escala de valores e nos modos de vida. É necessário fazer um sério exame das prioridades nos nossos modos de vida, exigir e por a descoberta a profundidade da crise ética em que vive a humanidade. E, voltando a uma ideia anterior: viver em harmonia com a natureza se mostra mais difícil do que parece, implica em admitir que precisamos mudar a

natureza humana. Mas, ainda assim, não podemos esquecer a questão: será que a humanidade tem por “missão” transformar-se no sábio curador dos recursos do planeta Terra?

REFERÊNCIAS:

- ASSMANN, H. *Curiosidade e prazer de aprender*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BÍBLIA Sagrada, São Paulo: Paulinas, 1976.
- BULFINCH T. *Mitologia Geral. A idade da fábula*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1962.
- BOURG, D. *O homem artifício: o sentido da técnica*. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.
- CAPRA, F. *Pertencendo ao universo*. São Paulo: Cultrix, 1994.
- CAPRA F. *O ponto de mutação*. São Paulo: Cultrix, 1997.
- COHN, N. *Cosmos, caos e o mundo que virá*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- DAWKINS, R. *O gene egoísta*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2001.
- GIANNETTI E. Prometeu e Epimeteu dos Trópicos. *Folha de S Paulo*. São Paulo, 5 Março 1998, p. 5/6.
- GRAY, J. *Cachorros de palha*. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- HEGEL, G. W. F. *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- HESÍODO. *Os trabalhos e os dias*. São Paulo: Iluminárias, 1991.
- HESÍODO. *Teogonia: a origem dos deuses*. São Paulo: Iluminárias, 1992.
- HOBBS, T. *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- JOY, B. Why the future doesn't need us? In: *Wired* abril de 2000. Disponível em: <http://www.wired.com/wired/archive/8.04/joy.html>. Acesso em 27/11/2011.
- LARANJEIRAS, L. *Deuses gregos*. Disponível em <http://www.coladaweb.com/hisgeral/deuses.htm>. Acesso em 17/02/2011.
- LOVELOCK, J. *As eras de Gaia*. Rio de Janeiro: Campus, 1991.
- MONOD, J. *O acaso e a necessidade*. Portugal: Publicações Europa-América, 2002.
- MOSCOVICI, S. *Natureza: para pensar a ecologia*. Rio de Janeiro: Manuad X: Instituto Gaia, 2007.
- NAVARRO Jr J. *Mitologia*. São Paulo: Abril Cultural, 1976.
- PAGELS, Elaine. *Adão, Eva e a Serpente*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.
- REICHHOLF, J. *O enigma da evolução do homem*. Lisboa: Instituto Piaget, 1995.
- RIDLEY, M. *As origens da virtude*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- RATZINGER, J. As bases pré-políticas e morais do Estado democrático. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2404200506.htm>. Acesso em abril de 2010.
- RESTREPO, L. C. *O direito à ternura*. Petrópolis: Vozes, 1998.

ROUSSEAU, J. *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

SLOTERDIJK, P. *El hombre operable*. Disponível em <http://www.observacionesfilosoficas.net/download/hombreoperable.pdf>. Acesso em novembro de 2011.

WALTER, C. Conferência proferida no *V Fórum Ibero-americano de Educação Ambiental* em Joinville/SC/Br. Em 06 de abril de 2006.

WILSON, E. O. *A unidade do conhecimento consiliência*. Rio de Janeiro: Campus, 1999.